

A genialidade conservadora: desvendando um pouco da obra de Gilberto Freyre

José Gilberto Scandiucci Filho *

Resumo

O artigo parte do pressuposto de que a obra de Gilberto Freyre é fundamental para a compreensão da gênese de uma sociedade e uma cultura genuinamente brasileiras. No primeiro tópico, procura-se mostrar que a linguagem e o "método" pouco acadêmicos de Gilberto Freyre, embora dificultem a compreensão de suas linhas gerais, são recursos do autor para a apreensão da realidade humana em sua complexidade. Sem abstrair tal riqueza expositiva, entretanto, parece possível encontrar a temática mais geral de suas duas principais obras. O segundo tópico, portanto, ressalta que o entendimento da "tendência harmonizadora" do complexo patriarcal deve ser a preocupação central do leitor em Casa-Grande & Senzala. Finalmente, o terceiro tópico acentua que, na leitura de Sobrados e Mucambos, é preciso observar mais atentamente o prolongamento da sociedade patriarcal (e sua ordem) na mais recente sociedade individualista.

“Uma coisa é ser um autor saudosista em sua atitude decisiva com relação ao passado; outra coisa, é servir-se o mesmo autor da saudade, ou, especificamente, da lembrança proustiana, como método empático de recapturar um tempo morto, procurando fazê-lo viver para que, assim ressuscitado, possa esse passado ser como que apalpado pelos dedos dos são tomés. Apalpado nas suas feridas e apalpado nas suas partes porventura sãs.” (Gilberto Freyre)

“Brasil, é braseiro de rosas;
A união, estados de amor:
Floral... sub espinhos
Daninhos;
Espinhal... sub flor e mais flor.”
(Sousândrade)

Como compreender a obra de Gilberto Freyre? É possível classificá-la? Qual a metodologia de *Casa-Grande & Senzala*? Quais as categorias com as quais trabalha seu autor? Como desvendar suas preocupações centrais, sob aquele amontoado de descrições? Questões que invariavelmente surgem ao leitor iniciante, mas atento, de Gilberto Freyre.

* Economista e Bacharel em Direito, Doutorando em Teoria Econômica do IE/UNICAMP.

As páginas que seguem procuram responder a algumas dessas indagações. Fornecer algumas ferramentas para a compreensão de *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*. Sugerir determinada interpretação dessas obras, cuja riqueza de impressões descritivas tão obscuro pode tornar o tema central.¹

Dividiu-se o presente trabalho em três partes. Na primeira, algumas questões do -perdoe-nos a expressão o próprio Gilberto Freyre - “método gilbertiano” são discutidas, com ênfase no problema da captação da subjetividade. Mostramos que a apreensão da dimensão humana não se realiza, para Gilberto Freyre, a partir de um fracionamento do conhecimento - daí, inclusive, a necessidade do estilo literário. Em seguida, sugere-se uma leitura direcionada de *Casa Grande & Senzala*, realçando a tendência harmonizadora do complexo patriarcal; tendência que vai colorindo a totalidade das impressões aparentemente tão desconexas. Finalmente, uma análise de *Sobrados e Mucambos* deve destacar menos a transição propriamente dita de uma sociedade antes patriarcal, depois individualista, que as sobrevivências culturais da primeira sobre a segunda: o prolongamento da síntese democratizante.

O leitor talvez suspeite de que analisamos Gilberto Freyre a partir do próprio Gilberto Freyre ; de que, para compreendê-lo, usamos seu próprio "método". Que se esclareça: *é disso mesmo que se trata*. Nós é que suspeitamos dos que utilizam sempre o mesmo metodozinho, congelado, empacotado, para estudar autores ou temas os mais distintos, violentando o próprio objeto, forçando à qualquer custo para que o objeto conforme-se em seu modelo. O mesmo leitor desconfiará de simpatia ideológica nossa para com o autor de *Casa-Grande & Senzala*. Aqui se engana. Profundamente. Apenas procuramos, liberto de preconceitos, resgatar algumas idéias absolutamente imprescindíveis para o estudo de uma cultura brasileira, ainda que muito nos desagrade o tom apologético com que consideram a sociedade

1 A idéia nasceu de uma série de debates e seminários informais realizados na disciplina de Formação Econômica do Brasil, no curso de mestrado do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. No estudo das principais obras nacionais sobre a formação e o caráter da sociedade brasileira, os alunos foram divididos em pequenos grupos. Surpreendemo-nos então responsáveis pelos comentários daqueles dois volumes de Gilberto Freyre. O abrir das primeiras páginas já chamava-no a atenção à ausência de conceitos teóricos pelo autor, às explicações não lineares, à dispersão de idéias expostas em linguagem pouco acadêmica. Dificuldade que, tão grave para jovens habituados às leituras “científicas”, não se abrandaria senão com o auxílio e a orientação do Prof. José Ricardo Barbosa Gonçalves, que tanta paciência teve em nos apontar algumas imprescindíveis sugestões. Sem elas, as idéias à frente jamais brotariam, muito embora os erros e lacunas aqui presentes sejam, desde logo, de nossa inteira responsabilidade.

escravista brasileira. Se pouquíssimos aqui os comentários críticos, não se pense não havê-los: ficam eles para outro ensaio. Por enquanto, basta a compreensão da obra genial de Gilberto Freyre

1-Ausência ou pluralidade de métodos?

“O conhecimento de uma sociedade como um todo não é uma mera aquisição de idéias úteis de disciplinas afins, mas sim transcende completamente as fronteiras disciplinares” (Bellah *et alli*, “Hábitos del Corazón”).

Ao leitor habituado a identificar pesquisa sociológica (ou antropológica, ou mesmo histórica) com jargão acadêmico, certamente impressiona a riqueza do vocabulário (salpicado de afro-brasileirismos e indianismos brasileiros) e da construção sintática em Gilberto Freyre. Inovação essa da linguagem que, não se restringindo, sem dúvida, à literatura científica, ocuparia espaço dentre os experimentos estilísticos mais importantes da língua portuguesa. Se bem hoje aceitação unânime a maravilha dos ritmos de frase que compõem *Casa-Grande & Senzala*, cabe ressaltar que muito da reação inicial pela crítica manifestava-se em sentido contrário. Sua publicação geraria polêmicas quanto à possibilidade de um estudo histórico-sociológico desenvolver-se com o auxílio instrumental de estilo sabidamente acadêmico. “Um desses eruditos foi o Professor Afonso Arinos de Melo Franco, que classificou a linguagem de *Casa-Grande & Senzala* de ‘vulgar’ e ‘chula’, além de desleixada” (Freyre, 1968, p. 122).

Na verdade, tal reação “erudita” fazia-se duplamente equivocada. Em primeiro lugar, leitura mais profunda da obra gilbertiana revelaria a familiaridade do autor para com os clássicos da literatura universal. Estudante de latim e grego desde adolescente, filho brilhante de família letrada, ler Gilberto Freyre é reler grandes escritores que assumidamente tanta influência exerciam-lhe: Gil Vicente, Fernão Lopes, Machado de Assis, Thomas Mann, Nietzsche, Whitman, Defoe, Proust. O posterior reconhecimento de seu valor literário por parte das mais destacadas Academias brasileiras e portuguesas silenciaria, de uma vez por todas, as críticas que de “vulgar” seu estilo classificavam.

Em segundo lugar, e aqui aproximando do ponto que mais de perto nos interessa, convém destacar a importância metodológica que a marcha discursiva (complementando-se, nas palavras de Roberto Lyra Filho, à

“intuição lírica”) detém na obra de Gilberto Freyre. Utiliza-se, o autor, da técnica literária para desenvolver a capacidade de ver-se um indivíduo em outros e de ver os outros em si mesmo, em uma perspectiva tanto de dentro para fora como de fora para dentro: filiando-se à tradição (afirmaria um Braudel) de Ramón Lulio (ou “Raimundus Lullus” - 1235-1315), poeta e teólogo catalão que, para compreender o islamismo, desdobrou-se em mouro. Esse seria o objetivo do estudo de Gilberto Freyre: “desdobrar-se em personalidades complementares da sua e que a auxiliassem na percepção de uma realidade múltipla e complexa” (Freyre, 1968, p. 117).

Em outras palavras: para obtenção da observação exata da realidade social, enriquece-se o autor de novas perspectivas da mesma realidade, o que seria impossível se fechado no seu sexo, na sua raça ou na sua classe. O terreno literário foi o caminho mais direto e eficaz com que Gilberto Freyre pôde tornar *Casa-Grande & Senzala* múltiplo em suas perspectivas; e dizemos “caminho” porque o escritor, ainda que ele próprio afirme o contrário,² jamais deixa de servir às análises do cientista. Desdobra-o em africano, mulher, criança. “Um livro que tem como protagonista central - vislumbra Astrogildo Pereira - não os heróis oficiais, mas a massa anônima”: uma de suas novidades.

Inerente à opção metódica está, entretanto, certa questão axiológica. Pois se os diferentes pontos de vista acerca da mesma realidade simplesmente se complementam, não há sentido na proferição de julgamento moral no estudo histórico-sociológico enquanto tal. A seguinte (e longa) citação exemplifica perfeitamente a idéia:

“Mas nem a monocultura, nem o latifúndio, nem a escravidão, que condicionaram de modo tão decisivo o desenvolvimento social do Brasil, em geral e do Nordeste da cana-de-açúcar em particular, sendo tão responsáveis por aquelas senhoras exageradamente gordas como por um tipo confortável de casa regional, merecem condenação formal de quem se aproxime do assunto sob o critério do relativo, e não do absoluto, tão perigoso nas avaliações sociais; tão perturbador da perspectiva histórica” (Freyre, 1937, p. 200).

Esse relativismo ético, quando alinhado à antropologia, entendem-no alguns como justificativa para o despotismo, evitando despertar qualquer manifestação de consciência crítica contra a ordem social opressora. “Nesse caso, evidentemente, não seria injusto falar de uma tara direitista gilbertiana” (Ribeiro, 1977, p. XVI). Com razão. Um exemplo: após “constatar”a

2 Por exemplo: “O que principalmente sou? Creio que escritor. Escritor literário. O sociólogo, o antropólogo, o historiador, o cientista social, o possível pensador são em mim anclares do escritor” (*Como e Porque...*, p. 165).

benignidade (*sic*) das relações dos senhores com escravos no Brasil patriarcal, o autor critica aqueles que não querem aceitar tais “evidências”:

“Parece a alguns de nós haver em tal tentativa, com aparências de objetivista e cientificista, algo de suspeito: suspeito de ser, ao contrário, esforço subjetivista, subjetivismo. Colocado por preconceitos do tempo presente projetados sobre tempo passado” (Freyre, 1968, pp. 35-6).

Mas é claro que a renúncia ao julgamento moral, embora contestável, não significa, absolutamente, *ausência* de conteúdo axiológico - pelo contrário, Gilberto Freyre só se permite a abordagem compreensiva, na linha de Dilthey: “Natureza se explica; cultura se compreende”. No mundo dos valores e das crenças (já íamos dizendo: no mundo da cultura), o homem se (re) cria sociologicamente: suas ações são agora dotadas de sentido. Um roteiro de compreensão desse mundo deve, portanto, evitar o subjetivismo do homem, mas jamais sua subjetividade (v. Lyra Filho, 1968, pp. 19-20).

Insistimos nesse ponto. A dimensão social (ou, nesse caso, cultural³) é a dimensão crucial da existência humana, revelando propriamente o que é ser homem. Nesse sentido, retornamos ao que se afirmava parágrafos acima: que o sociólogo deve estimular sua sensibilidade aos significados humanos de matéria social, reclamando sempre sua condição de homem. “O humano só pode ser compreendido pelo humano - até onde pode ser compreendido; e compreensão importa em maior ou menor sacrifício da objetividade à subjetividade” (Freyre, 1990, p. L).

Essa perspectiva compreensiva da riqueza humana do objeto cultural não pode passar despercebida pelo leitor de Gilberto Freyre; está implícita nos Prefácios de suas obras, quando a respeito delas afirma:

“Do mesmo modo que não teve o propósito de concluir, muito menos o de julgar. Limitou-se a procurar fixar, partindo de novas hipóteses e de idéias e até intuições às vezes personalíssimas, certos aspectos da formação patriarcal da família brasileira, às vezes aventurando-se a interpretações” (Freyre, 1943, p. 54). Ou ainda: “Sugere mais do que afirma. Revela mais que sentencia” (Freyre, 1990, p. L).

É a partir dessa abordagem complexa (nunca como curiosidade ou exoticismo) que se deve pensar a necessidade, em Gilberto Freyre, de inter-relação das “ciências” humanas, sua recusa aos “sistemas fechados com pretensões a de todo lógicas”, sua opção pelo que chama “generalismo”, que tanto corrige os excessos do cientificismo, sua crítica à “renúncia da própria alma e do ‘sense of humor’”. Não se apreende o fenômeno de determinada

³ O sentido gilbertiano de esfera *social* (que pode compreender animais a até plantas) e esfera *cultural* (especificamente humana) encontra-se destacado no texto *Antropologia Social e Antropologia Cultural* (IN: Freyre, 1973b).

integração cultural em sua totalidade a partir do estudo sistemático de seus componentes; aliás, aqui o próprio conceito de totalidade não é o de “soma de suas partes”, mas o de “configurações”. Donde a necessária (e anterior) contemplação do todo.

“Uma como convergência de particulares que só considerados gestaltianamente adquirem pleno sentido, em vez de um homem quebrado em fragmentos para regalo ou conveniência de especialistas quase mórbidos em seus especialismos. Pois convém não confundirmos a atenção que se deva dar aos particulares concretos - a insistência dos nominalistas contra os abstracionistas de outrora - com a obsessão pelo estudo autônomo apenas de um ou dois particulares, à revelia dos complexos para que eles pluralisticamente concorrem, com vários outros particulares, em inter-relações dinâmicas” (Freyre, 1973a, p. 13).

Ainda dois desdobramentos dessa discussão inicial, antes de adentrarmos no conteúdo das principais obras de Gilberto Freyre. O primeiro esboça alguns elementos sobre o “método científico” do autor; o outro reproduz a concepção do tempo em seus estudos.

Para Darcy Ribeiro, a **teoria da causa circular** parece estar subjacente à obra de Gilberto Freyre. Provas disso são as longas voltas que percorre o autor sobre determinado objeto, referindo-se a causas diversas; mas pouco se detendo em alguma delas, pois nenhuma seria causa suficiente: “Tudo pode chegar a ser, em determinadas circunstâncias, a causa de qualquer coisa” (Ribeiro, 1977, p. XXXIII).⁴ Mais que isso: simplesmente não há nenhum método em *Casa-Grande & Senzala* ou em *Sobrados e Mucambos*, conclui Darcy Ribeiro, muito embora “nenhuma das obras clássicas das ciências sociais é explicada por suas virtudes metodológicas” (Ribeiro, 1977, p. XXV). Pelo contrário: extremado rigor metodológico de alguns estudos condenam seus resultados à breve duração - caso de *Ordem e Progresso*.

O próprio Gilberto Freyre não discordaria dessas observações: num prefácio a *Casa-Grande & Senzala*, diz que é “livro herético do ponto de vista metodológico”. Em outra ocasião, julga-se criador de um “meta-método”, coordenador, numa nova abordagem, de uma pluralidade de métodos. A criação ter-se-ia feito necessária: citando o Prêmio Nobel de Física P. W. Bridgman, revela não haver método científico enquanto tal, mas apenas expressões do “método da inteligência”: “Quaisquer características

4 A partir da noção gilbertiana de *abordagem compreensiva* (parágrafos anteriores), não há como criticar o emprego da teoria da causa circular. Mas reações aparecem naqueles que buscam *explicações* para o fenômeno social. Certo, aquela teoria pode perfeitamente “contemplar a totalidade”, dar uma visão do conjunto vivo de uma sociedade; mas também facilmente esconde o essencial sob considerações absolutamente circunstanciais.

aparentemente singulares devem ser mais explicadas pela natureza da própria matéria que atribuídas à natureza do método em si”(in: Freyre, 1968, p. 38).

Fato que, acrescenta o escritor, seria tão mais grave nas áreas de Humanidades, em que os sujeitos-objetos são “senão mais complexos, mais sutis”. Assim, se o estudo da formação sócio-cultural de um povo utiliza, é claro, do método histórico, jamais pode prescindir de outros métodos, “extrahistóricos”: antropológico, psicológico, folclórico.⁵ Tanto mais verdade no estudo de compreensão do ethos da sociedade brasileira, influenciado por culturas das quais não há registros históricos - culturas pré-cronométricas: os ameríndios e os negros.

Finalmente, cabem aqui algumas palavras sobre a concepção gilbertiana de **tempo**. Lembrando Ortega, o autor entende a Sociologia não como ciência do que é - mas do que está sendo. Concepção que implica tempo social mais complexo, reunião num só tempo do passado, do presente e do futuro (daí o termo trípico). Concepção, aliás, já presente no historiador da arte Henri-Joseph Focillon (1881-1943): “(...) cada fração escolhida do tempo é simultaneamente passado, presente e futuro”.

A memória faz-se complementar ao presente na situação social concreta, tornando a interpretação da experiência patriarcal no Brasil análise essencialmente dinâmica. O diálogo entre “tempo vivo” e “tempo morto” tende a “Uma síntese daqueles dois tempos num terceiro, nem inteiramente morto, nem inteiramente vivo, dentro do qual viveria todo grupo humano” (Freyre, 1968, p. 139).

Donde a influência da introspecção proustiana em Gilberto Freyre: o estudo da vida doméstica dos nossos antepassados completando nossas próprias vidas, as quais aqueles anteciparam. “Um passado que emenda com a vida de cada um”. O autor não esconde que sua tarefa é alongamento de nossa memória individual sobre a experiência de uma sociedade - e que observador e participante confundem-se nessa extensão.

Esse alongamento, essa confusão - é método brasileiro que vem da tradição hispânica, essa em contato com saberes tanto judaicos e islâmicos como cristãos. No hispano, o “objetivo” e o “vivido” são constantemente

⁵ “Daí não nos repugnar, quando necessário, o próprio impressionismo: aquele que, em Literatura, mesmo histórica, é, como o empregado na Pintura, tentativa de surpreender a vida em movimento e, por conseguinte, diversa segundo o critério interpretativo com que for surpreendida” (*Sobrados e Mucambos*, p. LXIII).

entrecruzados, numa experiência menos racional que sensorial; menos discriminadora que afetiva.

“Daí o próprio tempo (...) tornar-se, com relação ao homem hispânico, valor menos suscetível de ser mensurado do que observado, vivido e sentido, o amanhecer, por exemplo, tornando-se para ele, homem, um fenômeno vital, objetivo-subjetivo em que deslizam seus afetos e suas sensações, ao ponto de poder o indivíduo amanhecer ele próprio - e não o tempo fora dele - ‘alegre’ ou ‘triste’ (...) o tempo (...) é, em grande parte, o próprio Homem” (Freyre, 1973a, p. 15).

Para o anglo-saxão, esse sim, o tempo coloca-se como cronométrico, o Homem apenas econômico no afã de ganhar dinheiro. Esse ganhar tempo do anglo-saxão, para o hispano é perder tempo, é a humilhação de se subordinar o Homem ao relógio. Aos olhos hispânicos, repita-se, o tempo anglo-saxão (hora, minuto, segundo) pretende ser mais que o tempo autêntico. A criatura mais que o criador.

2- Casa-grande, senzala & plasticidade

“Ninguém sabe que coisa quere.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ancia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...”
(Fernando Pessoa)

A publicação de *Casa-Grande & Senzala*, em dezembro de 1933, significaria não só o início da carreira literária de seu jovem autor, como a conclusão de estudos iniciados havia sete anos. A “aventura do exílio”, em 1930, permitiria a Gilberto Freyre conhecer a África (Senegal) e, principalmente, Portugal. Contatos estimulantes para a realização de projeto antigo: retomar a temática de sua dissertação de mestrado, junto à Universidade de Columbia, em 1926 - *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*.⁶ Mas agora privilegiando o ethos da gente brasileira, à base de estudo histórico-antropológico. A rápida circulação pelos arquivos e pelas Universidades da Europa e dos Estados Unidos seria suficiente para coleta de material precioso - e a redação de *Casa-Grande & Senzala* faz-se em 1932, com o retorno de seu autor às terras brasileiras.

⁵ Traduzida para o português em 1964, sob o título: *Vida Social do Brasil nos meados do Século XIX*.

As linhas acima sugerem a riqueza da formação intelectual de Gilberto Freyre: por um lado, o jovem fidalgo representante do senhorio nordestino, símbolo da classe dominante, narrador de um mundo familiar, conhecedor de seus hábitos mais corriqueiros; por outro lado, o moço formado no exterior, lançando olhar inquisitivo sobre essa mesma sociedade, trazendo na bagagem as mais recentes teorias e os mais sofisticados métodos do mundo anglo-saxão. A ambiguidade explica um pouco da genialidade da observação gilbertiana - a familiaridade com seu povo e o orgulho de sua classe auxiliando a curiosidade do estrangeiro crítico. Opinião de Darcy Ribeiro (1977, p. XVIII).

Afinal, de que trata essa primeira (e, curiosamente, máxima) obra de Gilberto Freyre? Qual sua temática geral, por detrás daquela parafernália de impressões? Em poucas palavras, diríamos que se trata de tentativa de compreensão dos traços que contribuíram para fundar a cultura brasileira (“a primeira civilização moderna nos trópicos”) e do comportamento dos mesmos no tempo. Insere-se, portanto, no campo da antropologia cultural, ainda que sua motivação seja o encontro do ethos brasileiro, a configuração de uma identidade nacional.⁷ Pois,

“o ethos ou o caráter de um grupo sabemos ser condicionado por sua formação, sendo assim deficiente toda análise sociológica, visando a identificação desses ethos, que despreze os elementos que lhe tragam o estudo, através da sociologia da história ou da sociologia chamada genética - isto é, das origens sociais de um povo - ou através da própria antropologia, da formação ou do desenvolvimento desse povo no espaço - isto é, ecológico - e no tempo: isto é, histórico-sociológico ou antropocultural.” (Freyre, 1968, pp. 152-3).

Na compreensão da formação da cultura brasileira, *Casa-Grande & Senzala* gira em torno do fenômeno que, mais tarde, seu autor classificaria como “transculturação”: a disseminação e combinação, quando reunidos no meio, de traços diferentes de que os indivíduos são portadores (Freyre, 1973b, p. 15). No caso brasileiro, a interpretação de vários característicos até fundarem um conjunto predominantemente **patriarcal**. Nas palavras do autor, sua temática é

“menos o estudo do que sobrevive entre nós da raça e das culturas africanas, portuguesas ou indígenas no seu estado mais puro, do que o estudo do processo de formação de uma sociedade e de uma cultura caracteristicamente brasileiras” (Freyre, 1943, p. 66).

⁷ Em todo o parágrafo, o paralelo com, *Raízes do Brasil*, de S. B. Hollanda, parece-nos irresistível.

É claro que seu estilo pouco acadêmico, a ausência descritiva de quaisquer categorias ou conceitos com os quais estivesse porventura trabalhando, a despreocupação com a cronologia da “história oficial” - tudo contribuía para uma reação polêmica por parte do público, poucos desvendando de imediato suas linhas gerais. No Prefácio de 1967 a *Raízes do Brasil*, registra Antonio Cândido seu comentário a *Casa-Grande & Senzala*:

“o jovem leitor de hoje não poderá talvez compreender, sobretudo em face dos rumos tomados posteriormente pelo seu autor, a força revolucionária, o impacto libertador que teve este grande livro. (...) *Casa-Grande & Senzala* é uma ponte entre o naturalismo dos velhos intérpretes da nossa sociedade, como Sílvio Romero, Euclides da Cunha e mesmo Oliveira Vianna, e os pontos de vista mais especificamente sociológicos que se importam a partir de 1940”.

“Anti-patriótica”, “anti-jesuítica”, “anti-católica”, “saudosista”, “negrófila”, “pró-lusitana” - assim muitos classificariam *Casa-Grande & Senzala*. Para o propósito do presente trabalho (e antes de algumas idéias sobre o conteúdo daquela obra), convém apenas discutir dois pontos. Em primeiro lugar, a crítica mais frequente e interessante: a de que *Casa-Grande & Senzala* refere-se a uma particularidade histórica, impossibilitando a extensão de suas observações a todo o contexto nacional. Em segundo lugar, uma inegável contribuição de caráter geral para o estudo da Antropologia no Brasil: a distinção entre raça e cultura.

Muitos os leitores que restringiriam o cenário de *Casa-Grande & Senzala* ao “litoral da região Nordeste dos séculos XVI a XVII”: reação imediata de Afonso de Taunay, mais tarde, entre outros, de F. Braudel e de Darcy Ribeiro. Para o último, o caráter etnográfico da obra de Gilberto Freyre, metodologicamente influenciado por F. Boas, impediria alongamento (e mesmo comparação) rigorosa das sugestões de um complexo social a outro.

O equívoco desses autores tem sido considerar *Casa-Grande & Senzala* como um livro de sucessão de fatos, quando na verdade é compreensão das relações desses fatos entre si: suas projeções em símbolos e em valores. Enquanto propriedades materiais, as observações têm obviamente historicidade específica; mas não enquanto *realidades sociais*. A categoria central é o **complexo patriarcal**, baseado na monocultura latifundiária e escravocata (ou servil): o “complexo dos complexos”, explicando a formação e o ethos brasileiros, colorindo todas as relações (pai/filho, homem/mulher, civilizado/selvagem). A obra preocupar-se-ia menos com o conteúdo etnográfico ou econômico dessas relações que com sua forma sociológica.

“Não descobrimos ainda passado regional brasileiro, de significado histórico, inteiramente rebelde à definição sociológica pelo domínio ou pela presença do complexo patriarcal, em que a unidade de forma de convivência humana - a hierarquia patriarcal revelada principalmente nos estilos sociais de habitação - sirva de elemento de superação aos contrastes que ofereçam as várias substâncias que constituem o Brasil étnico, o Brasil etnográfico, o próprio Brasil geo-econômico”(Freyre, 1990, p. LXXVII).

Se foi a própria constância da forma que deu unidade ao conjunto de sociedades mais ou menos patriarcais que constituíram a sociedade brasileira como um todo, não cabe revelar circunstâncias regionais que não têm força para invalidá-la.

O espaço em questão não é o geográfico - mas o cultural⁸; nem o histórico - mas o genético. Nesse sentido, aquele foi o cenário escolhido simplesmente porque “naquela parte do país (...) esse patriarcalismo teve a sua expressão mais característica e mais forte” (Freyre, 1943, p. 65).

Quanto ao outro ponto (separação entre traços de raça e efeitos da experiência cultural), parece aceitação unânime a contribuição positiva de Gilberto Freyre. Esclareceu que o papel da raça na formação dos grupos sociais não é decisivo, ensinamento de F. Boas para superar a arianófila intelectualidade tupiniquim - Oliveira Vianna, por exemplo. Interpretou, em *Casa-Grande & Senzala* e (principalmente) em *Nordeste*, o estado de fome crônica como resultado da monocultura latifundiária - argumento que, se hoje lugar comum, talvez não tão óbvio nos tempos de predominância do determinismo étnico, que por meio da miscigenação (o mulato) explicava nossas condições desfavoráveis ao homem.

Observações feitas, convém finalmente “desvendar” alguns conceitos e algumas proposições mais gerais dispersas erraticamente em *Casa-Grande & Senzala* (sobretudo nos Prefácios), mas de fundamental importância para compreensão de seu conteúdo. Interessante partir do próprio conceito de “complexo patriarcal”, visto ser a categoria teórica central, o “elemento sociológico de unidade” na formação da cultura brasileira.

Um complexo cultural, em geral, é uma combinação funcional de traços culturais, os quais somente em relação a ele se manifestam; é a série de elementos exprimindo a forma de convivência dos homens entre si e o modo de adaptação destes com o meio em que vivem. O meio físico, portanto, quase sempre condicionando (e mesmo alterando) esses elementos.

⁸ “Sendo as uniformidades de cultura mais importantes que as divergências impostas por motivos étnicos, geográficos e políticos, criam zonas ou *áreas de cultura* independentes daqueles limites ou fronteiras” (*Problemas Brasileiros...*, p. 20).

No caso, a condição geográfica que serviu de base à nossa formação foi o trópico. Sobre ele,

“a casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema [talvez dissesse “complexo”] econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao *pater familias*, culto aos mortos etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o ‘tigre’, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo)” (Freyre, 1943, p. LIII).

É claro que a simples listagem dos traços acima impossibilita compreensão de suas relações entre si e, por conseguinte, da dinâmica do complexo patriarcal. *Na verdade, Gilberto Freyre aponta para uma contemporização entre duas tendências, quase sempre mescladas no texto (porque assim o são no plano empírico), mas que devemos aqui distinguir analiticamente.*

Por um lado, a forma patriarcal de convivência significa, por suposto, **estratificação social** bastante nítida. “As classes eram constituídas por dominadores ou por dominados: os senhores, num extremo, os escravos, no outro” (Freyre, 1990, pp. 353-4).

O escravo, traço essencial de nosso complexo tutelar,⁹ acentuando a diferenciação. Acentuando-a também a monocultura e, sobretudo, o latifúndio. Acentuando-a finalmente a fraca presença do Estado colonizador, “sempre sumítico em Portugal”: a família é o colonizador no Brasil. “Vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho. O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos” (Freyre, 1943, p. LVII).

Por outro lado, paradoxalmente, o complexo pôde estimular mecanismos de **mobilidade social**, a partir da “interpenetração de etnias e culturas” ou, como chama em *Sobrados e Mucambos*, do “amalgamento de raças e culturas”:

“(…) Integração, amadurecimento e desintegração que não se verificaram nunca independentemente de outro processo igualmente característico da formação brasileira: o de amalgamento de raças e culturas, principal dissolvente de quanto houve de rígido nos limites impostos pelo sistema mais ou menos feudal de relações entre os homens às situações não tanto de raça como de classe, de grupos e indivíduos” (Freyre, 1990, p. 354).

9 Há passagens em que Gilberto Freyre corrige a proposição: essencial seria menos a escravidão que a subordinação do trabalhador. A retificação surge como resposta às críticas de impossibilidade de extensão conceitual do complexo ao Piauí ou ao Rio Grande do Sul, regiões em que os senhores procuraram servir-se também de indígenas mamelucos e brancos.

Muito de nosso ethos subindo das senzalas às casas-grandes, o plástico mulato representando por excelência esse dinamismo cultural. Onde a configuração de um caráter *democratizante* ao que havia de mais aristocrático na organização patriarcal:

“As relações entre casas-grandes e senzalas e entre sobrados e mucambos não foram, no Brasil, relações em que predominassem antagonismos de classe contra classe (...) o Brasil (...) pertence ao número de sociedades neo-européias nos trópicos caracterizadas pelo que é misto - (...) pelo relevo que aqui tomou esse processo de interpenetração até de contrários cuja harmonização vem se desenvolvendo”(Freyre, 1968, p. 154).

O título “*Casa-Grande & Senzala*”, portanto, não é simplesmente belo ou sonoro. Se Casa-Grande é símbolo do “status” da dominação na ecologia social, e Senzala o símbolo do “status” da subordinação, é o

“& entre as duas realidades, o símbolo de uma interpretação que concorreu fortemente, dinamicamente, interativamente, para dar à sociedade e à cultura desenvolvidas no Brasil suas formas mais características de desenvolvimento e não apenas de estabilidade. De dinâmica democratizante como corretivo à estabelecida hierarquia”(Freyre, 1968, p. 120).

“Adoçando as relações”, ainda diria.

A síntese democratizante entre as classes, para Gilberto Freyre, parece emergir (i) da própria dinâmica do complexo patriarcal ; e (ii) da plasticidade da colonização portuguesa. Esse é o ponto.

(i) No complexo patriarcal, como é sabido, a posição social é definida menos pela consanguinidade que pela proximidade em relação ao patriarca: a delegação de funções. Ora, tal fato sugere perspectiva constante, por parte de cada pessoa (pessoa, aliás, que se manifesta menos como indivíduo do que como membro do conjunto, o todo definindo as partes - e não o contrário), de elevação do “status”, independentemente da classe social da qual se origina. Não por acaso é que o autor insiste na diferenciação entre o escravo do campo e o escravo da casa, o último representando a ascensão social em virtude de qualidades pessoais. Daí a coesão harmônica. Pensando justamente nessa expectativa psicológica de cada pessoa, possibilitada pela presença do patriarca, ao redor do qual surge a coesão, é que Gilberto Freyre tanto explora o trânsito sexual entre a casa-grande e a senzala - assim talvez os capítulos IV e V podem ser lidos.

(ii) No capítulo I (e em trechos do capítulo III), ao discutir as razões do sucesso da colonização portuguesa, o autor explora justamente o caráter plástico lusitano. Plasticidade que, em primeiro lugar, possibilitou a vitória sobre o ambiente hostil à colonização (“a saúva sozinha, sem outra praga, nem dano, teria vencido o colono lavrador”). De fato, “terra e homem estavam em estado bruto”, necessitando o português fundar sociedade

criadora (e não saqueadora) de valores - no caso, sociedade rural (ainda que já fosse o povo “mais comercializado e menos rural da Europa” - p. 23). Mas a plasticidade também significou justamente o traço cultural que tanto influenciaria na tendência democratizante do complexo patriarcal; o elemento que tanto colaboraria para aquela comunicação harmônica.¹⁰ Daí a miscibilidade. Daí a mobilidade. Daí “o fato da unidade brasileira (...) ser principalmente uma manifestação de dinamismo de cultura, encarnado pelo colonizador português” (Freyre, 1973b, pp. 24-5).

Fundamental no estudo de sociologia genética a que se propõe *Casa-Grande & Senzala*, o ponto acima deve ser ressaltado. O restante daqueles capítulos sugere apenas as *origens* dessa flexibilidade lusitana, incorporada no ethos brasileiro. Para encontrá-las, Gilberto Freyre retroage ao período de formação da Nação portuguesa, apontando a dependência militar do elemento estrangeiro que o processo de Reconquista exigira. Necessidade que acrescentaria, pois, caráter *cosmopolita* ao próprio sentimento nacional - o “local” e o “universal” mesclando-se. Ambiguidade. Na verdade, como povo situado entre a Europa e a África, a “indecisão étnica e cultural” esteve desde sempre presente. A construção da Nação, portanto, somente acentuaria, aprofundaria o caráter contraditório.

Em outras palavras, o sentimento nacional nunca foi simultaneamente xenófobo; pelo contrário, fez-se sua afirmação justamente pela negação: ódio apenas ao espanhol e, sobretudo, ódio ao herege. Ou, mais exatamente, ódio à heresia. O convívio com indivíduo de qualquer origem, desde que “cristão” (leia-se: “católico”) e, em menor grau, não espanhol, não retirava o “status” de português:

“Na falta de sentimento ou da consciência da superioridade da raça, tão salientes nos colonizadores ingleses, o colonizador do Brasil apoiou-se no critério da pureza da fé. Em vez de ser o sangue foi a fé que defendeu a todo transe da infecção ou contaminação com os hereges” (Freyre, 1992, p. 196).

Essa “afirmação pela negação”, portanto, favorecia a miscibilidade, fundamental para o sucesso do empreendimento colonizador, haja visto a escassez de mulheres brancas dispostas a enfrentar o ambiente selvagem. A própria religião houve de ser mais frouxa, lírica, como que incentivando o amalgamento.

Assim resume Gilberto Freyre, ao final do capítulo I de *Casa-Grande & Senzala*, após elenco dos inúmeros antagonismos da sociedade patriarcal:

¹⁰ Herança lusitana que, para Sérgio Buarque, em sentido oposto, tão prejudicial tem sido à constituição da “identidade nacional”.

“É verdade que agindo sempre, entre tantos antagonismos contudentes, amortecendo-lhes o choque ou harmonizando-os, condições de confraternização e de mobilidade social peculiares ao Brasil: a miscigenação, a dispersão da herança, a fácil e frequente mudança de profissão e de residência, o fácil e frequente acesso a cargos e a elevadas posições políticas e sociais de mestiços e de filhos naturais, o cristianismo lírico à portuguesa, a tolerância moral, a hospitalidade a estrangeiros, a intercomunicação entre as diferentes zonas do país” (Freyre, 1992, p. 54).

3- Sobrados, mucambos e acomodação

“Se queremos que tudo fique como está, é preciso que tudo mude” (Giuseppe di Lampedusa, *O Leopardo*)

Vimos a tendência contemporizadora das relações sociais no sistema casa-grande/senzala, que “chegara a ser - em alguns pontos pelo menos - uma quase maravilha de acomodação: do escravo ao senhor, do preto ao branco, do filho ao pai, da mulher ao marido” (Freyre, 1990, p. XLI).

Coesão, também visto, possibilitada pela administração dos conflitos pelo patriarca, figura geradora de toda a ordem local. Um complexo patriarcal propriamente dito.

No século XIX, entretanto, o Brasil viria a assistir dois movimentos paralelos: a **ocidentalização dos costumes** e a **emergência do espaço social (verdadeiramente) urbano**. São os objetos de estudo de *Sobrados e Mucambos*, publicado em 1936 - três anos, portanto, após *Casa-Grande & Senzala*,

“obra de que é a continuação antes lógica que cronológica, se é que, rigorosamente, se deva falar numa lógica que regule no tempo ou no espaço as ocorrências ou os processos sociais, condicionando, ao mesmo tempo, os estudos sobre essas ocorrências e esses processos” (Freyre, 1990, p.LVIII).

Para prosseguir em nossa mesma linha de preocupação, privilegiando antes a problemática sociológica, cumpre destacar menos o movimento de ocidentalização que o de urbanização.

Em primeiro lugar, ressalte-se que a transição do espaço rural para o urbano já representa, em si mesma, mecanismo de acomodação por parte da família patriarcal, uma vez que o campo, em crise, não podia mais prover a coesão social necessária à sua sobrevivência.

As famílias, pois, passam a residir no sobrado semiurbano ou urbano a maior parte de seu tempo. É claro que o processo traz no seu bojo

contradições com o complexo patriarcal. Nas cidades, as pessoas agora não mais reproduzem pura e simplesmente as funções que exercem dentro da família. Faziam-no nos séculos anteriores, nos quais o espaço urbano era, por assim dizer, prolongamento sociológico do espaço rural. As pessoas agora aparecem como indivíduos, representação inevitável num ambiente de maior contato das próprias famílias entre si. O resultado é a perda de poder sócio-político do particular rico em contrapartida à elevação do prestígio do poder público (e de suas instituições).

“Quando a paisagem social começou a se alterar, entre nós, no sentido das casas-grandes se urbanizarem em sobrados mais requintadamente europeus, com as senzalas reduzidas quase a quartos de criado, (...) aquela acomodação quebrou-se e novas relações de subordinação, novas distâncias sociais, começaram a desenvolver-se entre o rico e o pobre, entre o branco e a gente de cor, entre a casa grande e a casa pequena. (...) Maiores antagonismos entre dominadores e dominados”(Freyre, 1990, p. XLI).

Mas é aqui que, mais uma vez, o autor surpreende-nos de modo sutil: o conflito seria administrado pelo próprio espaço urbano.

“E a rua, a praça, a festa de igreja, o mercado, a escola, o carnaval, todas essas facilidades de comunicação entre as classes e de cruzamento entre as raças, foram atenuando os antagonismos de classe e de raça e formando uma média, um meio-termo, uma contemporização mestiçamente brasileira de estilos de vida, de padrões de cultura e de expressão física e psicológica de povo” (Freyre, 1990, p. XLVI).

O próprio patriarca continuaria gerando, de alguma forma, o poder - pelo menos através da enorme influência sobre a indicação dos nomes para os cargos públicos em todos os níveis.¹¹ Na verdade, Gilberto Freyre quer destacar os mecanismos de acomodação da sociedade brasileira como um todo, possibilitados pelo caráter culturalmente contemporizador do antigo complexo patriarcal. Onde as transições sem ruptura em nossa história social, em que o “velho” não é destruído pelo “novo”; pelo contrário, engole-o, desdobrando-se em muitas de suas manifestações. O moderno é assimilado.

Falando do homem, de uma forma geral, Gilberto Freyre já pensa que “os motivos psicológicos que explicam a sobrevivência de formas de cultura são muitos. Sobressai, talvez, a tendência humana para mudar o menos possível: a repugnância pela inovação” (Freyre, 1973b, p. 18).

No Brasil, em particular, o próprio indivíduo torna-se protetor da mesma família patriarcal em desintegração.

¹¹ Influência já ressaltada por Oliveira Vianna: “Com a assistência e número de seus *aderentes* e *afilhados*, os clãs parentais intevêm frequentemente no nosso direito público e na nossa história política” (*Instituições Políticas Brasileiras*, vol. I, p. 233).

Família patriarcal em desintegração - e o termo é sempre esse - e não em “extinção” ou “declínio”. A família tutelar tem sido, no Brasil, para o autor, o que Lecky chama de “great permanence force”:

“a desintegração de força tão enorme como aquela em torno da qual se constituiu o Brasil não poderia deixar de ser lenta. Tão lenta que ainda não nos é possível dizer do complexo patriarcal que desapareceu do Brasil. Nossas casas são ainda povoadas por sobrevivências patriarcais. Nossos hábitos, ainda tocados por elas”(Freyre, 1990, p. CXI).

O Brasil é um “ser ideal para sobre a constante familialista do seu comportamento desenvolver-se uma civilização (...) estabilizadora. Expressão de um senso mais ou menos grave de ordem” (Freyre, 1990, p. XXXIV).

O poder do patriarca enquanto arbítrio vai sendo substituído pela noção de afeto. O patriarcado encontraria, portanto, sobrevivências na vida política e no caráter brasileiros, prolongando-se o patriarcal no paternal ou paternalista.

Referências bibliográficas

- CÂNDIDO, Antônio. O Significado de Raízes do Brasil. IN: HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.
- FREYRE, Gilberto. **Além do Apenas Moderno: Sugestões em Torno de Possíveis Futuros do Homem, em Geral, e do Homem Brasileiro, em Particular**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed., 1973a.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal**. 28. ed.. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- FREYRE, Gilberto. **Como e Por que Sou e não Sou Sociólogo**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1968.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste: Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio, 1937.
- FREYRE, Gilberto. “Prefácios às Primeira, Segunda, Terceira e Quarta Edições”. IN: **Casa-Grande & Senzala**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio, 1943.
- FREYRE, Gilberto. **Problemas Brasileiros de Antropologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio, 1973b.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- LYRA FILHO, Roberto. Prefácio. IN: FREYRE, Gilberto. **Como e Por que Sou e não Sou Sociólogo**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1968.

RIBEIRO, Darcy. Prólogo. IN: FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande Y Senzala**, Caracas:
Biblioteca Ayacucho, 1977.